



## O REVISIONISMO RORTYANO DO PRAGMATISMO CLÁSSICO DE JOHN DEWEY: UM DEBATE COM THELMA LAVINE E JAMES GOUINLOCK

*The rortyan revisionism of John Dewey's classical pragmatism: a debate with Thelma Lavine and James Gouinlock*

Edna Maria Magalhaes do Nascimento  
UFPI

**Resumo:** Com a publicação da obra *Philosophy and the Mirror of Nature* [Filosofia e os Espelho da Natureza] (1979), Rorty passou a ser um importante alvo de críticas dirigidas pelos intérpretes do pragmatismo clássico e comentadores de John Dewey. Estes críticos consideram que enquanto o pragmatismo clássico foi uma tentativa de entender e criar uma estrutura nova que legitimasse a investigação científica, o pragmatismo de Rorty se afirmou pelo abandono da própria tentativa de aprender mais sobre a natureza e sobre as condições de adequação da investigação. Dewey nunca virou totalmente as costas à metafísica, que está presente particularmente na obra *Experience and Nature* [Experiência e Natureza] (1925). Contudo, Rorty pretendeu encontrar em Dewey, sobretudo, na filosofia social e política deste último, uma antecipação de sua própria visão de filosofia. Assim, deliberadamente, Rorty separou o Dewey “bom” (historicista) do “mau” (metafísico) e considerou inadequada a publicação de livro de Dewey *Experience and Nature*. Nesse artigo vamos nos concentrar na contribuição dos críticos de Rorty, Thelma Lavine e James Gouinlock contra a estratégia rortyana de dividir Dewey em dois e sustentaremos uma interpretação que articule as duas dimensões da filosofia deweyana: a historicista e a cientista. Nessa perspectiva, tomaremos como fonte prioritária a obra *Rorty and pragmatism: the philosopher responds to his critics* (1995) que aborda o diálogo entre Rorty e estes autores. Em seguida apresentaremos nossas objeções tanto à hipótese de um Dewey unicamente historicista e antifundacionista quanto à de um Dewey unicamente cientista. De acordo com nossa interpretação, consideramos tais propostas como estratégias oriundas da mesma fonte, ou seja, da tentativa de “atualizar” Dewey para adaptá-lo ao quadro conceitual neopragmatista.

**Palavras-Chave:** Rorty. Dewey. Críticos. Pragmatismo. Neopragmatismo

**Abstract:** With the publication of the work in *Philosophy and the Mirror of Nature* (1979), Rorty became an important target of criticism directed by the interpreters of classic pragmatism and commentators of John Dewey. These critics consider that while classical pragmatism was an attempt to understand and create a new structure that would legitimize scientific inquiry, Rorty's pragmatism was affirmed by abandoning his own attempt to learn more about nature and the appropriateness of research. Dewey never completely turned his back on metaphysics, which is particularly present in the work *Experience and Nature* (1925). However, Rorty sought to find in Dewey, above all, in the social and political philosophy of the latter, an anticipation of his own vision of philosophy. Thus, deliberately, Rorty separated the "good" (historicist) Dewey from the "evil" (metaphysical) and deemed the book publication of Dewey *Experience and Nature* inappropriate. In this article we will focus on the contribution of Rorty's critics, Thelma Lavine and James Gouinlock against Rorty's strategy of splitting Dewey into two, and we will support an interpretation that articulates the two dimensions of Dewey's philosophy: the historicist and the scientist. From this perspective, we will take as a priority source the work *Rorty and pragmatism: The philosopher responds to his critics* (1995) that approaches the dialogue between Rorty and these authors. We shall then present our objections both to the hypothesis of a Dewey that is purely historicist and anti-foundational, and to that of a Dewey, only a scientist. According to our interpretation, we consider these proposals as strategies coming from the same source, that is, from the attempt to "update" Dewey to adapt it to the neopragmatist conceptual framework.

**Keywords:** Rorty. Dewey. Critics. Pragmatism. Neopragmatism.

## 1. Introdução

Ao construir sua hipótese interpretativa sobre o filósofo norte-americano John Dewey (), Richard Rorty (1931-2007) atribui a este autor duas personalidades conflitantes: O Dewey “bom” e o Dewey “mau”. Rorty não considera adequado que Dewey reconstrua conceitos da filosofia tradicional como *ciência*, *natureza*, *experiência* e *método*. Rorty pensa que se Dewey tivesse abandonado tais projetos estéreos poderia ter criado argumentos mais persuasivos e adequados contra a tradição filosófica. No entanto, conforme Rorty, Dewey não abandonou totalmente esses projetos. Esse é o “Dewey mau” que Rorty reprova. Mesmo assim, ele não se cansa de elogiar um suposto “Dewey bom”, que foi crítico da evidência, do fundacionismo e dos dualismos.

Na sua tentativa de “linguisticizar” Dewey, Rorty quer demonstrar que o “jovem Dewey” foi o Dewey “mau” que tentou seguir Locke e Hegel e ainda permaneceu no kantismo. Assim, ele atribui ao “velho Dewey” uma mudança de atitude que seria mais coerente com a sua doutrina: a realização de estudos sócio culturais sobre os problemas filosóficos em seus contextos específicos. Mas não nos parece adequada a hipótese de que haja um “primeiro” e um “segundo” Dewey. Não nos parece que, ao final de sua carreira, Dewey tenha desejado mudar de assunto e abandonar a sua metafísica em sentido atenuado. Aquilo a que ele se dispôs foi discutir se as palavras não-técnicas poderiam ser utilizadas de modo frutífero no discurso filosófico. Ao contrário de Whitehead, que desenvolve um novo vocabulário para expressar suas ideias, ou, pelo menos, mudar radicalmente o uso ordinário das palavras para adequá-las às suas necessidades, Dewey, até seus últimos anos, tenta limitar-se ao uso da linguagem comum.

A estratégia interpretativa de Rorty recebe nossa objeção porque desfigura a obra do pragmatista clássico, considerando que deve ser aceita apenas a dimensão historicista de seu pensamento. A sua dimensão cientificizante, na visão de Rorty, deve ser rejeitada, especialmente a principal categoria da filosofia de John Dewey, que é a *experiência*. Rorty escreve que a contribuição que Dewey ofereceu ao pensamento filosófico foi a de ser crítico da tradição. Desse modo, a pretensão deweyana de oferecer uma metafísica, caracterizada pela descrição da realidade e pela descoberta dos traços gerais e genuínos da mesma, a fim de iluminar as pesquisas e investigações futuras, foi rejeitada por Rorty.

Dessa maneira, tal interpretação deixa de lado parte significativa da obra deste autor. No entanto, Rorty acredita que o Dewey “bom” e edificante pode levar a filosofia à “idade de ouro”. Isso corresponderia a sair da metafísica da experiência, segundo o modelo kantiano, e passar para uma fase de análise do desenvolvimento cultural, segundo o modelo hegeliano. Para atingir esse objetivo, Rorty faz uma leitura da obra de Dewey que tenta mostrar a prevalência da dimensão historicista sobre a dimensão cientista do pragmatista clássico. Sem dúvida, Dewey se opõe à ideia de uma filosofia única, fundamentadora do conhecimento, entretanto, em virtude disto, Rorty acredita que não há lugar para uma metafísica empírica na obra de Dewey, mas sim para um tratamento terapêutico da tradição.

O presente artigo discutirá a contribuição dos críticos de Rorty, Thelma Lavine e James Gouinlock que são contra o revisionismo deste filósofo na apreciação do pragmatismo clássico. Nessa perspectiva, utilizaremos o debate presente na obra *Rorty and pragmatism: the philosopher responds to his critics* (1995) e, por último, apresentaremos nossas objeções tanto à hipótese de um Dewey unicamente historicista e antifundacionista quanto à de um Dewey unicamente cientista.

## 2. Objeções à interpretação rortyana de Dewey

### 2.1 Rorty por Thelma Lavine

Dewey interpreta Hegel com os aportes de sua visão naturalista e científica. Assim, ele apresenta a ideia de que a investigação é o processo de produzir resoluções de problemas, de transformar elementos de uma situação problemática original em algo unificado. Desta forma, este modelo não permite finalidades nem absolutos, mas hipóteses que se alteram à medida que surgem novos problemas<sup>1</sup>. Lavine argumenta que Dewey vai minando os absolutismos e as alegações fundacionistas em todos os domínios da filosofia.

Entretanto, esta autora classifica Rorty como o filho edipiano de Dewey. Uma metáfora para argumentar que a interpretação rortyano do pragmatista fere de morte os conceitos principais deste. Rorty ataca o pai a partir da filosofia da linguagem do segundo Wittgenstein com a noção *jogos de linguagem*, bem como a partir do filósofo linguístico Donald Davidson, para quem a linguagem deve ser vista como ferramenta<sup>2</sup>.

O ponto principal da crítica é o fato de Rorty abandonar a visão científica de Dewey e considerar apenas o historicismo. Rorty desfere um golpe fatal em seu pai filósofo, para quem o método científico é um conceito central.

A título de esclarecimento, o método científico enquanto padrão de investigação é um tema constante nas obras de Dewey, presente, sobretudo, em *Logic: The Theory of Inquiry* [Lógica: Teoria da Investigação]. Dewey procura um método de investigação como intervenção reflexiva através da ação sobre o complexo problemático de eventos, em que a intervenção seja testada por seus resultados. Com base nesta constatação Lavine acredita que, com isso, Dewey rompe com o historicismo radical e o linguisticismo<sup>3</sup>. Portanto, esta autora irá considerar que o historicismo de Dewey é do tipo hegeliano, ou seja, parte de uma solução testável para uma situação problemática, é também operativo no processo democrático. Assim, a conclusão é que tanto o procedimento científico quanto o democrático são experimentais na concepção de Dewey, estão ligados à ação e à mudança.

Para a autora, a ciência e a democracia compartilham não apenas o mesmo padrão de investigação, o "método da inteligência", mas também as mesmas virtudes morais: uma disposição para questionar, para procurar clareza e evidência, para ouvir e respeitar as opiniões dos outros, para considerar alternativas de forma imparcial, para mudar de ponto de vista em virtude da investigação e da comunicação. Esta era a principal preocupação de Dewey.

Dewey percebe o conflito, no interior do quadro da modernidade, entre a tradição do Iluminismo que deriva de Locke e Newton e a tradição romântica do Contra-Iluminismo [*Counter-Enlightenment Romantic Tradition*] que deriva de Rousseau e dos poetas e filósofos idealistas. Cada uma dessas estruturas em conflito possui o seu próprio estilo de pensamento.

Mesmo sendo um articular dessas duas tendências, a questão central é que Dewey faz oposição à ciência objetiva, afirmando que o caminho para a verdade reside na subjetividade, nas artes e na cultura. Opõe-se igualmente à autonomia política do indivíduo e da democracia dos direitos naturais, afirmando que a política se baseia no grupo e é sustentada pelo estatismo seja de direita ou de esquerda. Em oposição aos interesses do indivíduo, afirma a primazia da comunidade. A preocupação do Contra-Iluminismo é com as vítimas da sociedade e da modernização iluministas: os marginalizados, os oprimidos, os mártires, os pobres, as minorias, os rebeldes, os revolucionários<sup>4</sup>.

Embora Dewey e Rorty empreguem o historicismo hegeliano-romântico, o historicismo de Dewey está ligado a uma explicação naturalista do organismo e do

<sup>1</sup> LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, pp. 42-43.

<sup>2</sup> LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 44.

<sup>3</sup> LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 44.

<sup>4</sup> LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 46.

ambiente em processo de interação, fornecendo assim a possibilidade do conhecimento por meio do teste de soluções propostas para as situações problemáticas. O historicismo de Rorty, ao contrário, está ligado a uma radicalização dos jogos de linguagem de Wittgenstein<sup>5</sup>.

Rorty na condição de filho edipiano, conta aos outros filhos, ou seja, aos filósofos deweyanos, o que o pai realmente disse, ou o que ele de fato quis dizer, ou o que ele deveria ter dito. Esse constitui o último deslocamento do pai pelo filho edipiano: a redescritção do 'Dewey pai' de acordo com o que ele quis dizer enquanto filósofo se torna aquilo que Rorty acaba de dizer.<sup>6</sup>

## 2.2 Participando do debate entre Rorty e Thelma Lavine

Pensamos que o que distingue Rorty de Dewey não é o método científico, como argumenta Lavine, mas a articulação dialética entre a dimensão científica e a dimensão histórica, que está presente em Dewey e não está em Rorty. Esse último fica apenas com a dimensão histórica e termina recusando a dimensão científica. A recusa dessa última por Rorty, que a reduz a um vocabulário contingente, o leva ao antifundacionismo. Em contraposição, Dewey, em sua filosofia naturalista, recusa o fundacionismo porque as interações causais entre seres vivos e o ambiente não exigem um fundamento último. Entretanto, Lavine tem razão quando diz que, para Dewey, a ciência e a democracia não se dissolvem no processo histórico. Elas mudam de acordo com as interações causais mencionadas<sup>7</sup>.

Lavine afirma também que Dewey está influenciado pela modernidade ao associar o historicismo e o cientismo. Pensamos que ela tem razão no caso da modernidade, pois a dimensão histórica em Dewey está ligada ao *Contra-iluminismo*, do mesmo modo que a dimensão científica nesse mesmo autor está ligada ao *Illuminismo*. Lavine acerta também em sua descrição das diferenças entre o historicismo de Rorty e o de Dewey. A descrição que Lavine faz do historicismo de Dewey coincide com a que decorre de nossa interpretação. A descrição que ela faz do historicismo de Rorty é adequada, porque o *vocabulário* em Rorty corresponde de maneira bastante aproximada à ideia de *jogo de linguagem* em Wittgenstein. Em ambos os casos, a contingência histórica do meio circundante é destacada, embora a expressão usada por Wittgenstein seja mais adequada que a de Rorty, uma vez que entendemos que *vocabulário* se refere a uma lista estática de palavras, enquanto *jogo de linguagem* se refere a uma atividade social.

Na continuação de seu argumento, Lavine acerta também quando diz que Rorty não escapa ao dilema da modernidade, ao adotar a distinção entre público e privado, a qual reflete a oposição entre iluminismo e contra-iluminismo. Isso ilustra não só a inevitabilidade da oposição para os intelectuais contemporâneos, mas também uma inconsistência em Rorty, já que ele acaba por assumir a distinção entre público e privado, que está baseada na oposição entre iluminismo e contra-iluminismo, que ele rejeita. Com isso, Rorty acaba propondo a tarefa impossível de tentar atingir os objetivos do pai Dewey, mas sem utilizar as ferramentas propostas por esse último.

Ao responder as críticas de Lavine, Rorty admite a possibilidade de um conhecimento objetivo, sem realismo, sem representação e sem correspondência<sup>8</sup>. Ele identifica tal conhecimento com as práticas sociais e com o acordo intersubjetivo<sup>9</sup>.

<sup>5</sup>LAVINE, Thelma Z. America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, pp. 47-48.

<sup>6</sup>LAVINE, Telma Z. America and The Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 49.

<sup>7</sup>LAVINE, Telma Z. America and The Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, pp. 47-48.

<sup>8</sup>RORTY, Richard, Response to Lavine. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 50.

<sup>9</sup>RORTY, Richard, Response to Lavine. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, pp. 51-52.

Portanto, Dewey está certo se *método científico* for considerado sinônimo de *práticas sociais das comunidades democráticas*. Para Rorty, Lavine diz que Dewey *sacralizou o método científico e o processo democrático*, mas isso poderia reduzir-se a *sacralizou o processo democrático*, sem perda de conteúdo. Para Rorty, Dewey não é claro sobre o que significa *método científico*<sup>10</sup>. Como justificativa para isso, Rorty afirma que, para cada citação de Lavine ilustrando o realismo deweyano, ele pode oferecer outra passagem ilustrando o antirrepresentacionismo deweyano. Rorty reconhece não saber como resolver essa questão exegética, pois ele e Lavine estão construindo cada um o seu Dewey respectivo. Rorty admite a existência de uma relação edípica entre ele e Dewey, como acusa Lavine, mas acha que, se ele, Rorty, tivesse feito uma distinção mais cuidadosa entre o “bom” e o “mau” Dewey, Lavine não poderia levantar essa questão. Rorty reconhece que de fato está “desmetodologizando” e “linguistificando” Dewey. Conforme Rorty, isso não significa descaracterizá-lo, mas apenas promover uma atualização de Dewey, a qual foge da letra dos seus textos, mas não do seu espírito<sup>11</sup>.

Em resposta à réplica de Rorty a Lavine, temos a dizer o que segue. Para admitir um conhecimento ao mesmo tempo objetivo, sem realismo, sem representação e sem correspondência, Rorty está deixando entrar pela porta dos fundos aquilo que expulsou pela porta da frente. Com efeito, a dimensão científica em Dewey, que garante a objetividade desse conhecimento, foi explicitamente expulsa por Rorty em nome do historicismo, que elimina o caráter realista, representacionista e correspondentista desse conhecimento. Mas, ao apelar para a objetividade das práticas sociais das comunidades democráticas, Rorty está admitindo implicitamente alguma coisa semelhante à *experiência deweyana*, com sua dialética das interações entre os seres vivos e o ambiente.

Pensamos que Rorty está certo ao enfatizar a imprecisão do conceito de *método científico* em Dewey. Decerto, Dewey não foi claro em relação ao conceito de *método científico* pelas mesmas razões porque não foi claro em relação ao conceito de *experiência humana*. Em se tratando de realidades historicamente contingentes, o máximo que pode ser feito é fornecer uma ideia geral dos processos envolvidos, tanto no caso da experiência como no caso do método científico. Nessa perspectiva, o que Dewey escreveu em sua *Lógica* é suficiente para os seus objetivos: ele está dando os traços gerais dos diversos tipos de interação entre seres vivos e o ambiente, os quais são capazes de levar a algum conhecimento objetivo. Além disso, a exigência de precisão conceitual em Dewey não condiz com postura do próprio Rorty quando está argumentando, pois o neopragmatista, enquanto ironista, está muito mais próximo da imprecisão do que gostaria de reconhecer.

Quando Rorty reconhece que não sabe como resolver a questão exegética entre ele e Lavine, está ignorando o fato de ser possível encontrar tanto passagens realistas quanto antirrepresentacionistas em Dewey e isto aponta claramente na direção de uma interpretação que reúna esses dois aspectos de maneira consistente em Dewey, ao invés de forçar a uma escolha entre um ou outro. Nessa perspectiva, nem Rorty nem Lavine estão certos, mas sim uma combinação das interpretações de ambos.

Na sua resposta a Lavine, Rorty reconhece ter uma relação edípica com Dewey, o que é bom. Mas sua resposta a Lavine não é satisfatória. Pensamos que, quanto mais ele trabalha a distinção entre o Dewey “bom” e o “mau”, mais ele acaba por se distanciar do pensamento de Dewey, que envolve essas duas dimensões de maneira indissolúvel. Agindo desse modo, Rorty não conseguiria imunizar-se, mas estaria abrindo mais ainda o flanco para a objeção de Lavine.

Finalmente, Rorty reconhece que, com a “desmetodologização” e a “linguistificação” de Dewey, ele está “atualizando” Dewey. Isso também é bom. Mas a questão é: com essa “atualização”, Rorty foge não só da letra, mas também do espírito da

<sup>10</sup> RORTY, Richard, Response to Lavine. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 51.

<sup>11</sup> RORTY, Richard, Response to Lavine. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 53.

filosofia de Dewey. Com efeito, a divisão de Dewey em dois temperamentos opostos e a opção por um deles em detrimento do outro simplesmente deforma de maneira irrecuperável a filosofia de Dewey. Ela passa a ser um historicismo sem critérios de objetividade: isso poderia agradar a Rorty, mas certamente não agradaria a Dewey.

### 2.3 Rorty por James Gouinlock

Rorty escreveu que uma obra como *Logic: the Theory of inquiry* [Lógica: Teoria da Investigação], nunca deveria ter sido escrita por Dewey<sup>12</sup>. Esta recusa deve-se à tese rortiana segundo a qual o conhecimento objetivo é impossível.

Passemos as teses principais de Rorty para contextualizar a discussão. Rorty nos assegura que estamos enganados ao supor que podemos usar a realidade para testar nossas ideias. Estamos enganados ao supor que as ideias são sobre aquilo que realmente existe. Não comparamos uma descrição com o objeto que ela descreve, mas somente com outra descrição. Não existe, conforme Rorty, um critério neutro para afirmar que uma descrição é melhor que outra. Não podemos fazer distinções quanto à validade cognitiva da ciência, da filosofia, da poesia, da religião, da teologia e da fé nas sagradas escrituras. Todas essas áreas são gêneros literários. Em virtude disso, Rorty diz que não podemos fazer distinções entre métodos de investigação como sendo melhores ou piores. Por fim, não podemos também falar de progresso no conhecimento ou na ciência<sup>13</sup>.

Com estes pressupostos Rorty pensa estar livre tanto da incomensurabilidade quanto do relativismo, já que ambas as concepções, para ele, pressupõem que teses opostas são relativas ou incomensuráveis de acordo com algum critério. À medida que os critérios pertencem à epistemologia, a incomensurabilidade e o relativismo podem ser abandonados do mesmo modo que a epistemologia<sup>14</sup>. Por este caminho, Rorty se compromete com a contingência da linguagem. Nessa perspectiva, os sistemas de pensamento não são mais do que metáforas literalizadas. As metáforas, como tais, só fazem sentido dentro dos *jogos de linguagem*. Rorty chega ao limite de dizer que as supostas realizações da ciência moderna nada mais são do que resultados do triunfo de certo tipo de retórica<sup>15</sup>. Sabe-se que Dewey superou a tradição, que procurava estabelecer uma teoria do ser, do conhecimento ou uma teoria da linguagem capaz de fornecer um critério que nos permitisse distinguir afirmações objetivamente verdadeiras, mas não abandonou a teoria do conhecimento.<sup>16</sup>

Gouinlock seleciona cinco fontes de incompreensão ou mal entendidos do pensamento de Dewey formulados por Rorty.<sup>17</sup>

O primeiro mal entendido diz respeito à concepção de método que Rorty quer suprimir da filosofia de Dewey. Entretanto, pode-se constatar que a discussão do método está presente nas obras de Dewey de maneira orgânica. Está em *Studies in Logical Theory*

<sup>12</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 72

<sup>13</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 73.

<sup>14</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, pp. 73-74.

<sup>15</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 74.

<sup>16</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 74.

<sup>17</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 75

[Estudos em Teoria Lógica], de 1903, e terminando com *Logic: The Theory of Inquiry* [Lógica: Teoria da Investigação], em 1938, vemos que ele está persistentemente preocupado com a natureza do método científico e sua aplicabilidade a todos os tipos de situações humanas. Em várias ocasiões caracterizou o método científico em detalhes. Em *The Quest for Certainty* [A Busca pela Certeza], por exemplo, Dewey afirma que o valor da conclusão cognitiva depende do método pelo qual foi alcançada, de modo que o aperfeiçoamento do método, o aperfeiçoamento da inteligência constitui o valor supremo<sup>18</sup>.

O segundo mal entendido diz respeito à confusão que Rorty faz em relação à teoria da verdade como correspondência. Dewey faz objeções ao realismo tradicional, sobretudo, à suposição desse último de que um objeto pleno do conhecimento possa existir antes da investigação. A investigação, diz ele, é iniciada apenas porque a situação é problemática de algum modo crucial. Antes da investigação, o *status* dos eventos relevantes no ambiente é intrigante ou incerto. Caso contrário, a investigação não poderia ocorrer. O próprio processo de investigação é inseparável da manipulação e organização dos eventos e sua intenção é construir o objeto pleno. Claramente, ela não é redutível à *conversa*<sup>19</sup>. Dewey argumenta que a percepção é o resultado de interações complexas do organismo com o ambiente. A fim de produzir objetos de percepção adequados às peculiaridades de uma situação problemática, deve ser empreendido algum tipo de reorientação intencional em direção às condições perturbadoras iniciais. Rorty, como muitos dos críticos de Dewey, não se deu conta desse constituinte crucial e extremamente inovador da teoria deweyana do conhecimento<sup>20</sup>.

O terceiro mal entendido é a filosofia da ciência de Dewey. Dewey declarava que o que conhecemos, na ciência e em outros lugares, são as potencialidades da natureza sob condições definidas. Os objetos do conhecimento decorrem da correlação entre processos distinguíveis de mudança. A pressão, por exemplo, varia de acordo com a temperatura em um volume fechado de gás. Estas mudanças específicas são deliberadamente introduzidas e controladas pelo pesquisador e o objeto de conhecimento é a correlação entre tais variações. Dewey defendia esse tipo de procedimento, enfatizando particularmente a introdução deliberada de variações. O processo de investigação não é a observação passiva de uma realidade estática, mas tem a ver com relações de mudança.<sup>21</sup>

O quarto mal entendido diz respeito à filosofia da linguagem de Dewey. A teoria que Rorty emprega sobre *jogos de linguagem*, poderia ter alguma afinidade com algumas ideias de Dewey. A noção de linguagem como ferramenta é um conceito bastante caro a Dewey. Mas Rorty assimila a noção de linguagem como ferramenta à noção de jogo de linguagem. Ele argumenta que a analogia entre linguagem e ferramenta é boa, mas não podemos interpretá-la como sugerindo que seja possível separar a ferramenta – a linguagem – de seus usuários e perguntar pela sua “adequação” para realizar os nossos propósitos. Isso sugere que podemos sair da linguagem para compará-la com outra coisa.

Dewey também declara que a linguagem é a “mãe de todos os significados”. Eventos sem a linguagem seriam desprovidos de significado. Na verdade, sem a linguagem seríamos desprovidos de nossas mentes. O significado das palavras em qualquer

<sup>18</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, pp. 74-75.

<sup>19</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 78.

<sup>20</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 78.

<sup>21</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 82.

sociedade é determinado pelas crenças e pelo comportamento dos seus membros. Isso parece confirmar a tese de Rorty de que o vocabulário se reduz à sociologia<sup>22</sup>.

Mas isso é enganador. Dewey afirma que a linguagem é uma função da atividade compartilhada com o meio ambiente. Os traços das coisas da natureza, como rios, árvores, peixes, pedras, madeira, etc., fazem parte da vida compartilhada em uma grande quantidade de maneiras cruciais. A linguagem é tudo aquilo que tem sucesso na criação de uma atividade em harmonia justamente com essas coisas. As propriedades dessas últimas são condições do discurso significativo, dependendo da forma pela qual são incorporadas à conduta em uma cultura particular. Por exemplo, uma peça cilíndrica longa de madeira, tem vários usos. Ela pode ser uma lança, uma vara de pescar, um remo, um varal para pendurar roupas e assim por diante. Em cada um desses casos, as propriedades reais do objeto são registradas na linguagem. Caso contrário, a conduta compartilhada com o objeto não teria sucesso conforme esperado<sup>23</sup>.

O quinto e último mal entendido de Rorty criticado por Gouinlock, diz respeito a forma como neopragmatista vê a tradição filosófica, isto é, como uma série de tentativas de fornecer comensuração universal entre vocabulários e oferecer um critério de verdade que seja neutro em relação aos diversos vocabulários. Se for isso que a tradição está reduzida e se ela está superada, então não há muito para fazer em filosofia. Assim, Rorty conclui que é preciso desistir do método, do conhecimento, do progresso e da autoridade intelectual. Tendo em vista que Dewey declarou-se contra a tradição, atacando-o repetidamente e minando suas reivindicações, deve ser verdade que ele concorda com isso. Mas Rorty fica perplexo e desapontado ao constatar as recorrentes incursões de Dewey na elaboração de uma metafísica própria, que ele descreve como uma tentativa de fornecer uma matriz neutra e permanente para toda a investigação futura<sup>24</sup>.

Ocorre que a avaliação que Dewey faz da tradição é muito mais complexa do que suspeita Rorty. Dewey rejeita a busca da certeza; rejeita a noção de filosofia como algo acima da ciência e como disciplina fundante. Mas não é apenas isso que atrai a atenção de Dewey. Ele está também preocupado com as pretensões epistemológicas da tradição que as considera inadequadas. Gouinlock discute nesse estudo algumas dessas pretensões epistemológicas da tradição e as respectivas críticas de Dewey.

Destacamos aqui à ideia de que a verdadeira natureza das coisas é inerentemente sistemática e imutável. Portanto, mudanças representam um reino inferior do ser, ou seja, a mera aparência ou mera subjetividade. Dewey rejeitou esse esquema no qual o autenticamente real é o objeto de conhecimento racional, no sentido cartesiano ou platônico. Por esse esquema, tudo que é variável, que remeta à mudança, é desconsiderado. Assim, as qualidades absorventes e variáveis que dão valor à experiência são banidas, como também o contingente, o plural, o empírico<sup>25</sup>.

A metafísica de Dewey não pode ser interpretada, ao estilo de Rorty, como uma tentativa de fornecer "uma matriz permanente e neutra para a investigação futura". Não, ela é uma tentativa de articular uma concepção da realidade de tal forma que a nossa experiência efetiva se torne inteligível, de modo que possamos identificar os nossos recursos e limitações, nossas oportunidades e imputabilidades em um mundo mutável e precário. Mas um mundo que também fornece respostas à investigação e à inteligência, um mundo que pode propiciar uma experiência profundamente realizadora. Em suma, a

<sup>22</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 82.

<sup>23</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, pp. 82-83

<sup>24</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 84.

<sup>25</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995 p. 85



metafísica de Dewey é uma tentativa de caracterizar o contexto inclusivo da existência humana, de tal forma que possamos aprender a como funcionar nele da maneira mais efetiva possível.<sup>26</sup>

#### 2.4 Participando do debate entre Rorty e James Gouinlock

Passemos agora à discussão da posição de Gouinlock, para quem Rorty se inspira na tese da incomensurabilidade da tradução ao alegar que o conhecimento objetivo é impossível<sup>27</sup>. Pensamos que Gouinlock está certo ao dizer isso. Com efeito, essa tese torna contingentes os enunciados das teorias científicas, permitindo que elas sejam colocadas em pé de igualdade com outros gêneros literários, o que faz parte do projeto de Rorty. Gouinlock também está certo ao dizer que, com essa posição, Rorty acredita poder livrar-se das acusações de relativismo e de incomensurabilidade porque esses conceitos pressupõem que afirmações opostas são incomensuráveis ou relativas em relação a algum critério. Já que os critérios pertencem à epistemologia e ela deve ser abandonada, como advoga Rorty, esses conceitos problemáticos também devem ser abandonados<sup>28</sup>.

Sobre o método científico, pensamos que Gouinlock está certo ao apontar esse mal entendido rortyano, pois o objetivo central da filosofia de Dewey é de fato a extensão do método a todas as áreas de conduta humana. E achamos conveniente lembrar aqui que essa extensão só pode ser feita em termos bastante gerais, e não específicos, como quer Rorty.

Quanto à teoria correspondentista, pensamos que Gouinlock está certo ao reconhecer uma dimensão correspondentista na filosofia de Dewey, mas achamos oportuno observar que o realismo e o correspondentismo de Dewey, pressupostos pela existência de uma situação problemática inicial e pelo fato de que nossas ideias são antecipações do futuro, nada têm a ver com o realismo e o correspondentismo tradicionais. *Realismo* aqui significa que, nas interações com o ambiente, os objetos surgem como alteridades que confirmam ou falsificam nossos testes. *Correspondentismo* significa aqui simplesmente que o modelo de conduta proposto hipoteticamente para um dado objeto funcionou. Esse modelo não constitui uma “cópia” do objeto em sentido tradicional.

Quanto à concepção de ciência, Gouinlock também está certo quando afirma que em Dewey a ciência nos fornece o conhecimento das potencialidades da natureza sob condições definidas. Mas convém reiterar que o conhecimento científico para Dewey é falível e autocorretivo. Isso significa que Dewey tenta retratar mais os traços gerais do método científico do que propriamente os traços gerais do conhecimento científico, já que o primeiro leva ao segundo.

No que diz respeito à concepção de linguagem, podemos dizer que ela é de fato função das nossas interações com o ambiente. A linguagem faz parte da nossa experiência, mas não de toda a nossa experiência, e não pode, portanto, ser identificada com essa última. A linguagem é uma ferramenta para lidar com o ambiente. Ao tentar ver em Dewey a tese de que a linguagem é a própria realidade em que vivemos, Rorty está projetando equivocadamente sua perspectiva sobre a de Dewey. Se a linguagem é a realidade em que vivemos, então tudo é conversação e nada poderá ser estabelecido com um mínimo de objetividade. Rorty está revelando aqui o seu idealismo linguístico. Outro ponto importante a ser considerado aqui está no fato de que, ao ver a linguagem como jogo de

<sup>26</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 86

<sup>27</sup> RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton: Princeton University Press, 1979(cap. VI).

<sup>28</sup> GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 74.

linguagem, Rorty parece estar confirmando a tese de Wittgenstein sobre a forma de vida: isso é *assim porque agimos assim*. A única maneira de escapar ao relativismo implícito nessa afirmação é supor que a expressão “*agimos assim*” pressupõe exatamente aquilo que Rorty quer negar em Dewey, a saber, os procedimentos de formação de hipóteses e seus respectivos testes empíricos para a resolução de situações problemáticas.

Gouinlock discutiu a concepção metafísica naturalista de Dewey e o mesmo está certo ao dizer que esse é o problema principal da discussão. Gouinlock caracteriza adequadamente a metafísica deweyana ao descrevê-la como uma tentativa de caracterizar o contexto inclusivo da existência humana para que possamos funcionar com eficiência no interior desse mesmo contexto. Ora, isso significa que Dewey não tem a intenção de estabelecer uma matriz neutra e permanente para toda investigação futura, pois isso iria contra o próprio espírito da sua concepção básica de *experiência* como interação dialética entre os seres vivos e o ambiente. A experiência possui caráter histórico e contingente, sendo, portanto, mutável. Desse modo, ela jamais poderia ser apresentada como uma “matriz neutra e permanente” para toda investigação futura. Com efeito, a tarefa de apresentar os traços gerais da existência humana envolve também a elaboração de uma hipótese sobre essa mesma existência, hipótese essa que deverá ser verificada através da interação com novas experiências, as quais gerarão uma nova hipótese e assim por diante. Temos aqui uma metafísica contingente e falibilista que poderá ser alterada de acordo com as necessidades das experiências futuras. A noção de uma “matriz neutra e permanente” não cabe aqui.

Em sua resposta às críticas de Gouinlock, Rorty afirma que Dewey também quer se comprometer com a “esperança social sem fundamento”. O que conta aqui é a energia e a inteligência dos que lutam por ela<sup>29</sup>. Mas Gouinlock pode estar opondo essa “esperança social sem fundamento” a um “compromisso alcançado através do método científico”. Aqui, a divergência entre Rorty e Gouinlock pode ser apenas sobre a utilidade da noção de *método*. Rorty a considera sem utilidade. A expressão *método da inteligência crítica* poderia ser substituída apenas por *inteligência crítica*, expressão que significa *experimental, não-dogmático, inventivo e imaginativo, deixando de buscar a certeza*.

Quando Dewey liga as expressões *método da e inteligência crítica*, ele está tentando fazer contraste com o *método a priori, dedutivo*. Dewey, conforme Rorty, insistiu em usar a noção vazia de *método* porque queria que a filosofia deixasse de oferecer um corpo de conhecimento, embora ainda oferecesse alguma coisa. E para ele isso é o método. Mas essa foi uma escolha infeliz, pois prometia mais do que podia oferecer: prometia algo positivo, ao invés de simplesmente advertir negativamente para não ficarmos presos na armadilha do passado. Seria possível isolar na obra de Dewey algo suficientemente amplo para ser “extensível a todos os problemas da conduta” e também suficientemente estrito para ter “propriedades formais”? Em outras palavras: seria possível isolar nessa obra algo suficientemente genérico para ser o método da democracia e da ciência e ao mesmo tempo específico o bastante para ser contrastados com outros métodos efetivamente utilizados pelas pessoas? Rorty pensa que não<sup>30</sup>.

Rorty argumenta que *método científico* é um nome para um terreno intermediário não encontrável entre um conjunto de hábitos virtuosos e um conjunto de técnicas concretas, passíveis de serem ensinadas<sup>31</sup>. Embora Gouinlock diga que Dewey caracterizou o método científico com detalhe em *The Quest for Certainty*, Rorty afirma não ter encontrado essa caracterização detalhada naquele livro. Ele declara que tudo o que conseguimos ali é a polêmica padrão de Dewey, repetida sem cessar contra os dualismos epistemológicos e metafísicos. O único conselho positivo que obtemos é o de sermos reflexivos, mas determinados, abertos, mas disciplinados, tolerantes, mas discriminados,

<sup>29</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 91

<sup>30</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 92

<sup>31</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 93

ousados, mas não tanto, imaginativos, mas não selvagens. Seria um desrespeito à memória de Dewey admitir que, quando ele começa a falar sobre método, ele soa como Polônio?<sup>32</sup>

Ao afirmar que Dewey foi “além do método”, Rorty quis dizer que Dewey desistiu da ideia de que é possível extrair algumas regras a partir daquilo que os cientistas naturais estão fazendo e aplicá-las a outras áreas da cultura, a fim de modificar essas mesmas áreas. Desse modo, aquilo que Gouinlock chama de “racionalidade como traço de caráter” nunca corresponderá a um conjunto de algoritmos, mas sim a algum análogo epistêmico da *phronesis* aristotélica. Embora nunca parasse de falar sobre o método científico, Dewey nunca teve qualquer coisa útil para oferecer a respeito dele. A não ser que seja possível mostrar algum trecho de Dewey indicando o que ele realmente pensava do “método”<sup>33</sup>.

Rorty afirma que Gouinlock o acusa de ser incapaz de distinguir os melhores dos piores métodos de investigação ou de ser incapaz de falar do progresso do conhecimento, mesmo na ciência. Se as duas acusações fossem corretas, então Rorty estaria muito longe de Dewey. Mas pelo menos a segunda acusação é falsa. Rorty segue Kuhn no conceito de progresso do conhecimento na ciência, definindo-o como capacidade crescente de conseguir o que queremos a partir da ciência. Uma das coisas que queremos é a capacidade de explicar por que a ciência passada estava certa ou errada. Se isso não for progresso do conhecimento também para Gouinlock, então ele tem de mostrar que a expressão *solução de problemas* possui sentidos diferentes em Kuhn e em Dewey. Ora, ele não poderia fazer isso. Kuhn e Dewey estão juntos ao argumentar que a esperança dos positivistas de substituir a *phronesis* por regras é irrealizável<sup>34</sup>.

Mas Rorty reconhece que há um sentido em que Gouinlock está certo ao dizer que o seu neopragmatismo não pode distinguir os melhores dos piores métodos de investigação. Isso é assim porque Rorty tem dificuldade em encontrar um princípio de individuação para “métodos”. Esse termo é ambíguo, referindo-se a algo tão geral como os quatro métodos de fixação da crença em Peirce e a algo tão específico como usar magnetômetros – instrumentos científicos usados para medir campos magnéticos no ambiente circundante – e não varinhas de rãbdomancia – varinhas não muito científicas que são apontadas para o solo a fim de descobrir água.

Rorty prefere abandonar o termo *método* e usar: a) *prática social* para descrever o que Peirce quer e b) *técnica* para descrever o uso adequado de magnetômetros. As práticas sociais que determinavam o que era “racional” ou “irracional” eram diferentes nas tribos primitivas, nas salas de aula medievais e nos laboratórios do século XIX. Mas nenhum desses três tipos de prática social é redutível a regras e nenhum deles parece adequadamente descrito pelo termo *método*<sup>35</sup>. Em síntese, Rorty acha que Feyerabend estava justificado em se colocar “contra o método” porque não há nada mais filosoficamente profundo ou interessante a ser dito contra o vudu, ou a astrologia, ou a autoridade papal, do que dizer que essas técnicas não parecem ter-nos levado para onde esperávamos. Depois de termos elaborado a analogia rala entre abandonar a astrologia pela astronomia e abandonar o feudalismo pela democracia, Rorty não pensa que seja útil a sugestão de que observemos mais de perto o que os cientistas fazem para conceber o que o resto da cultura deveria fazer<sup>36</sup>.

Rorty ainda afirma que Gouinlock o acusa de ter perdido um ponto crucial da teoria do conhecimento de Dewey: para produzir objetos de percepção e de conhecimento adequados às peculiaridades de uma situação problemática, é preciso empreender alguma forma de reorientação intencional com relação às condições perturbadoras. Rorty pensa

<sup>32</sup> Personagem do *Hamlet* de Shakespeare, descrito como “um velho idiota e tedioso”.

<sup>33</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 94

<sup>34</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 95.

<sup>35</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 95.

<sup>36</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 96.

que Dewey tirou essa ideia da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e que ela foi reafirmada muito bem na polêmica de Sellars contra o “mito do dado”<sup>37</sup>. Rorty acrescenta que, em diversos artigos, ele tenta ampliar a crítica de Sellars, argumentando que, se compreendemos a relação causal entre a aquisição de crenças e o ambiente em torno daquele que tem a crença, não precisamos nos perguntar a respeito de relações representacionais.

Para Rorty, uma explicação causal e não-representacionista dos estados intencionais nos dá todas as razões para afirmar que as propriedades reais dos objetos estão registradas na linguagem, mesmo depois de termos negado que essas propriedades estejam representadas na linguagem. Elas estão registradas no sentido de que se os objetos não tivessem essas propriedades, não estaríamos provavelmente dizendo o que dizemos ou acreditando no que acreditamos. Para Rorty, a maneira mais eficiente de dispensar as questões sobre a representação é interpretar a expressão *registro das propriedades reais do objeto* como significando *causado pelas propriedades reais do objeto e capaz de causar mudanças nessas propriedades*. Com isso, estaríamos trocando uma explicação representacionista da crença por uma explicação causal da crença. Graças à substituição da “experiência” pela conduta linguística, a teoria de Davidson parece a Rorty superior à de Dewey<sup>38</sup>.

Para Rorty, a distinção de Dewey entre realismo e idealismo simplesmente não funcionou no sentido de que seus colegas filósofos acharam impossível conceber o que Dewey queria dizer ao afirmar que os objetos de conhecimento mudam no curso da investigação. Por causa disso, Rorty pensa que devemos abandonar a noção de “objeto de investigação”. Isso ficará mais fácil se assumirmos a virada linguística e substituirmos a metafísica pela semântica. Rorty pensa que Gouinlock condenaria esse procedimento em virtude de suas suspeitas para com a teoria dos jogos de linguagem. Todavia, a descrição que Gouinlock oferece para essa teoria faz Rorty parar para pensar. Gouinlock afirma que essa teoria nega que a linguagem seja uma função da atividade compartilhada com um ambiente. Rorty afirma não ser capaz de imaginar um filósofo da linguagem que algum dia tenha negado isso<sup>39</sup>.

Ao final de sua resposta a Gouinlock, Rorty afirma que Dewey algumas vezes rejeitou questões e terminologias. Rorty gostaria que Dewey tivesse feito isso mais vezes. Infelizmente, Dewey empregou diversas vezes a técnica alternativa de conferir sentidos novos e enigmáticos a palavras como *objeto*, *experiência*, *natureza* e *correspondência*. Dewey infelizmente perdeu a oportunidade de dizer algo como *esqueçam da ‘correspondência’ para dizer eis algo que você poderia significar por ‘correspondência’, mesmo que esse significado não tenha nada a ver com o significado usado por aqueles que se preocupam em saber se a verdade consiste em correspondência ou não*<sup>40</sup>.

Em nossa avaliação da resposta de Rorty, pensamos que o início da sua discussão com Gouinlock mostra a diferença crucial entre Dewey e Rorty: a questão do método científico. Mas essa questão tem duas faces. Em primeiro lugar, ela parece ser apenas uma questão de terminologia. Nessa perspectiva, Rorty reconhece que Dewey não está usando a expressão *método científico* em seu sentido tradicional. Em Dewey, essa expressão se refere ao processo de aprendizagem e conhecimento a partir da dialética das interações entre seres vivos e ambiente. Esse processo se baseia em interações causais que levam à construção de hipóteses a serem testadas e encontra sua melhor expressão nas atividades dos cientistas da natureza. Mas temos de reiterar que a descrição de tal processo só pode ser feita em termos genéricos, como acontece, p. ex., em *The Quest for Certainty* [A busca

<sup>37</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 96.

<sup>38</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 97.

<sup>39</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 98.

<sup>40</sup> RORTY, Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 99.

por certeza]. Em virtude disso, Rorty se equivoca ao exigir uma formulação específica para o processo em questão.

Do ponto de vista terminológico, Rorty tem alguma razão ao afirmar que Dewey poderia ter apresentado sua filosofia sem utilizar expressões como *método científico*, *experiência*, *objeto*, etc. Mas isso não significa que essas expressões sejam meramente descartáveis, pois o que Dewey pretende significar com elas ainda constitui parte essencial de sua filosofia. A fim de evitar a prolixidade decorrente dos circunlóquios necessários para se referir aos significados pretendidos sem usar as expressões mencionadas, Dewey teria forçosamente de adotar uma nova terminologia, coisa que ele preferiu não fazer, para salvaguardar a possibilidade de diálogo com seus contemporâneos. Afinal de contas, apesar de adotar um novo sentido para o termo *experiência*, p. ex., ele ainda estava se referindo a algo próximo da *experiência* em sentido tradicional. Coisa semelhante acontece com o próprio Rorty, que usa termos como *filosofia*, *conversação*, *ironia*, *etnocentrismo*, etc., em sentido diferente do tradicional. Isso significa que ele também poderia ter apresentado sua filosofia sem utilizar esses termos. Mas aqui também essas expressões não seriam meramente descartáveis, pois aquilo que Rorty pretende significar com elas ainda constitui parte essencial de sua filosofia.

Para evitar a prolixidade dos circunlóquios, Rorty teria de adotar uma nova terminologia, coisa que ele não fez, para salvaguardar a possibilidade de diálogo com seus contemporâneos. Afinal de contas, apesar de adotar um novo sentido para *conversação*, p. ex., Rorty ainda está se referindo a algo próximo da *conversação* em sentido tradicional. Assim, a conclusão aqui seria que podemos aplicar ao próprio Rorty aquilo que ele aplicou a Dewey através da seguinte paráfrase: Rorty infelizmente perdeu a oportunidade de dizer *esqueça da 'conversação'* para dizer *eis algo que você poderia significar por 'conversação', mesmo que esse significado não tenha nada a ver com o significado usado por aqueles que se preocupam em saber se a filosofia consiste em conversação ou não.*

Outro ponto importante na questão terminológica é saber se o termo *método* corresponde efetivamente a uma noção vazia. Rorty afirma que Dewey promete com ela mais do que podia oferecer. Isso não é verdade, pois Dewey não concebe *método* de maneira meramente negativa, como uma advertência para não cairmos nas armadilhas do passado. Para Dewey, o método tem claramente uma dimensão positiva que decorre das interações causais com o ambiente. Como já afirmamos antes, esse lado positivo só pode ser descrito em termos genéricos, de modo que não se coloca a exigência de Rorty no sentido de que essa descrição deve envolver tanto uma parte geral, extensível a todos os problemas da conduta, como uma parte específica, ligada às propriedades formais.

Desse modo, na avaliação da filosofia de Dewey, parece inadequada a oposição estabelecida por Rorty entre a ideia de que seja possível algo suficientemente genérico para ser o método da democracia e da ciência e ao mesmo tempo específico o bastante para ser contrastado com outros métodos. Na verdade, a filosofia de Dewey defende a possibilidade de algo suficientemente genérico para ser o método da democracia e da ciência e ao mesmo tempo suficientemente específico para ser contrastado com outros métodos. A noção de solução de problemas com base em conjeturas e testes é geral o suficiente para ser aplicada a todos os setores da conduta humana e se torna específica o suficiente quando seus princípios gerais são adaptados a setores determinados da cultura. Isso mostra que o dualismo proposto por Rorty não se coloca no caso de Dewey.

Desse modo, ao dizer que Dewey vai "além do método", significando com isso que ele desistiu da possibilidade de extrair regras a partir do trabalho dos cientistas naturais para aplicá-las a outras áreas da cultura, Rorty está oferecendo uma interpretação problemática. Dewey e Kuhn não estão juntos ao defender a tese de que a esperança dos positivistas de substituir a *phronesis* por regras é irrealizável. Diferentemente de Rorty, depois de elaborar a analogia – não rala – entre abandonar a astrologia pela astronomia e abandonar o feudalismo pela democracia, Dewey pensa que é útil a sugestão de observar mais de perto o que os cientistas fazem para conceber o que o resto da cultura deveria fazer. Ao falar do método, Dewey não soa como Polônio.

Vimos também que Rorty afirma ter dificuldade em encontrar um princípio de individuação para “métodos”. Por causa disso, ele propõe *prática social* para se referir a instâncias do método filosófico e *técnica* para aplicações metodológicas específicas no caso das ciências naturais. Mas Rorty se refere apenas a Peirce, quando fala no método filosófico. O que fazer então com outras instâncias do método filosófico, como, p. ex., o método transcendental, o método fenomenológico, o método hermenêutico ou o próprio método analítico? Eles não se distinguem uns dos outros e devem ser misturados no terreno comum das práticas sociais? Tudo indica que não.

No campo da filosofia, esses procedimentos podem referir-se, diferentemente do que pensa Rorty, simultaneamente a algo geral e a algo específico, embora a parte específica não seja comparável ao uso de magnetômetros. É verdade que todos envolvem algo geral, mas podem ser aplicados a domínios específicos com técnicas específicas. Como sabemos, a aplicação do método fenomenológico pode ser feita a domínios específicos, pois envolve técnicas de análise que diferem bastante claramente daquelas decorrentes da aplicação do método analítico a um domínio específico. Subsumir tudo isso no conceito de *prática social* seria filosoficamente confuso e inadequado, porque na verdade estamos lidando com instâncias do método filosófico, as quais podem ser identificadas a partir de princípios de individuação cuja existência Rorty insiste em ignorar.

Assim, embora as práticas sociais que determinavam o que era “racional” ou “irracional” fossem diferentes nas sociedades primitivas, nas salas de aula medievais e nos laboratórios do século XIX, não podemos esquecer que, do ponto de vista filosófico, tais práticas envolviam métodos diferentes que eram aplicados a situações diferentes. Deixando de lado as comunidades primitivas e os laboratórios científicos para simplificar a discussão, podemos dizer que os métodos filosóficos usados nas salas de aula medievais não só eram diferentes daqueles usados pelos filósofos do século XIX, mas que também podiam ser identificados em cada uma dessas épocas como instâncias de práticas sociais mais abrangentes.

A discussão sobre o método parece ser uma questão substantiva, no sentido de envolver concepções diferentes de *objetividade* em Dewey e Rorty. Aqui, Gouinlock tem razão ao dizer que Rorty é incapaz de distinguir os melhores dos piores métodos de investigação, em que pesem os argumentos de Rorty em contrário. A discussão anterior mostra que a posição de Rorty implica que ele não quer ter ou não tem condições de distinguir o método fenomenológico do analítico, que não passam de práticas sociais, e por esse motivo não sabe ou não quer dizer qual deles é o melhor. Até mesmo sua recusa das técnicas vudus e astrológicas não é convincente, pois o argumento de que elas não parecem ter-nos levado para onde esperávamos não encontrará repercussão naqueles que nelas acreditam.

Na verdade, o apelo à conversação, ao etnocentrismo, ao ironismo e à contingência dificilmente fornecerá algum critério adequado para distinguirmos os melhores dos piores métodos. E dizer que a teoria dos jogos de linguagem envolve interações com o ambiente não resolve o problema, pois Rorty não oferece qualquer caracterização de como essas mesmas interações podem levar a algum critério de objetividade. Dizer que a busca de critérios é caudatária da epistemologia que Rorty quer descartar também não resolve o problema, pois Rorty certamente teve de usar algum argumento e, portanto, algum critério racional para defender a superioridade da conversação sobre a epistemologia e a superioridade da desmetodologização e da linguistificação de Dewey sobre a interpretação tradicional de Dewey. Rorty não oferece elemento algum em seus textos que possa garantir de maneira objetiva a sua afirmação de que a teoria davidsoniana, ao substituir “experiência” por “conduta linguística”, parece superior à de Dewey.

## 2.5 Considerações Finais

Pode-se sugerir que, ao elogiar seu herói filosófico, Rorty fala de si mesmo. A criação do Dewey “bom” é um pretexto de Rorty para nele encontrar a inspiração fundamental para a construção do conceito de *intelectual ironista*. A influência historicista de Dewey aponta tanto na direção de uma interdisciplinaridade que falta à filosofia clássica como na direção de uma contextualidade fundamental ao pragmatismo. Pensamos que Rorty concorda com Dewey quando este último declara que a filosofia cumprirá sua função quando o significado das ciências sociais e das artes tiver tornado objeto de atenção crítica da mesma maneira que as ciências matemáticas e físicas e quando sua importância for compreendida<sup>41</sup>. Certamente Rorty também concordaria com Dewey quanto a sua defesa do processo de humanização da ciência<sup>42</sup>. Rorty aceita a interdisciplinaridade e a contextualidade do pragmatismo deweyano. No entanto, parece cair em contradição ao não aceitar que a concepção de *ciência* em Dewey tenha essas características.

Com efeito, a estratégia de Rorty é a de simplesmente propor uma troca de vocabulário através da qual a epistemologia e seus problemas seriam deixados de lado em benefício de uma conversação mais voltada para a visão de mundo neopragmatista.

Segundo Lavine e Gouinlock o revisionismo de Rorty é inadequado. Para esses autores, a hipótese interpretativa de Dewey parece não ser adequada. A substituição de *experiência* por *linguagem*, como Rorty quer, constitui um equívoco. Separar um Dewey “bom” antirrealista, antifundacionista e historicista e um Dewey “mau”, metafísico, realista e cientista não corresponde ao que Dewey pensou e escreveu. Dewey não partilha da ideia de uma desconstrução filosófica ou de uma cultura pós-filosófica. Ao contrário, tem como meta um projeto de reconstrução da própria filosofia.

Lavine destaca a força do método científico em Dewey como categoria básica e se opõe a Rorty. Gouinlock desenvolve a crítica a Rorty a partir de cinco mal entendidos em sua interpretação de Dewey, a saber: a questão do método, a teoria correspondentista, a concepção de ciência, a filosofia da linguagem e a metafísica naturalista. Procuramos mostrar que, para esses críticos de Rorty, Dewey não é um pensador que se encontra “além do método” e que, além disso, a metafísica deweyana não pode ser interpretada como uma tentativa de fornecer uma matriz permanente e neutra para toda investigação futura. Dewey não parece defender aqui uma posição antirrealista, mas sim um realismo distinto das elaborações clássicas. Por essa explicação, a metafísica de Dewey fornece não uma caracterização neutra da natureza, mas sim um relato adequado da ordem, da mudança, da pluralidade, da contingência e dos valores da experiência.

Não obstante as críticas de Thelma Lavine e James Gouinlock ao neopragmatismo rortyano, estes autores pecam ao aceitarem a divisão de Dewey em dois temperamentos, um “bom” e outro “mau”. Isso não só deforma a filosofia de Dewey, mas também torna mais fácil a argumentação de Rorty no sentido de defender a opção por um Dewey “bom” em detrimento de um Dewey “mau”.

## Referências

DEWEY, John. *Reconstruction in Philosophy*. Enlarged edition. With a new introduction by the Author. Boston: The Beacon Press, 1957.

\_\_\_\_\_. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

\_\_\_\_\_. *The quest for Certainty: a study of the relation of knowledge and action*. Minton, Balch, 1929.

<sup>41</sup> RORTY, Richard. *Dewey's Metaphysics*. In: *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982, pp. 72-89.

<sup>42</sup> DEWEY, John. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958, p. 164.

---

\_\_\_\_\_. *How We Think*. New York. Forgotten Books. 1909.

\_\_\_\_\_. *Logic: The Theory of Inquiry*. New York. Henry Holt and company., 1938.

\_\_\_\_\_. *Human Nature and Conduct: An Introduction to Social Psychology*. New York, Cosimo., 2007.

GOUINLOCK, James, What the Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In. Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995.

LAVINE, Thelma Z. America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p.42.

RORTY, Richard, Response to Lavine. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. Richard, Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 97.

\_\_\_\_\_. Richard. *Dewey's Metaphysics*. In: *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982.

---

Doutora em Filosofia (UFMG, 2012)  
Professor do Departamento de Fundamentos da Educação (UFPI)  
Professora do PPG em Filosofia/UFPI  
E-mail: [magaledna@yahoo.com.br](mailto:magaledna@yahoo.com.br)